

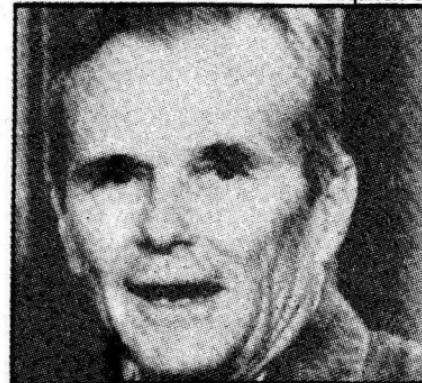
FMI e Bird vão ter recursos para financiar o Plano Brady

Arquivo/7-8-88

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Depois de intensas e sigilosas reuniões entre si e com banqueiros privados, representantes do Grupo dos Sete — as sete nações mais ricas do mundo capitalista — concordaram, por fim, em permitir que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) disponham de verbas para garantir títulos a serem emitidos pelos países endividados, e trocados — com um desconto — por parte do estoque de sua dívida externa.

Trata-se, na verdade, apenas de um princípio de acordo, conforme revelaram fontes americanas. Mas se prevê um acerto fi-



Nicholas Brady, Secretário do Tesouro

nal, e mais abrangente, na próxima reunião oficial do Grupo dos Sete, em Paris, em meados de julho. Ali, as autoridades financeiras dos Estados Unidos, Japão, Inglaterra, Alemanha Ocidental, França, Itália e Canadá poderão finalmente estabele-

cer as regras definitivas para a aplicação concreta do chamado Plano Brady — criado pelo Secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, e que prevê a redução da dívida do Terceiro Mundo.

O princípio de acordo a que se chegou esta semana não dissipou todas as dúvidas e incertezas que existem em relação ao Plano Brady. O fato de se concordar em que o FMI e o Bird financiem a recompra de títulos da dívida, e além disso forneçam capital para ser utilizado como garantia para a emissão de bônus pelos endividados, é apenas mais um passo. Falta ainda determinar o volume de dinheiro que cada devedor poderá receber dessas duas instituições, para aplicar

num programa de redução da dívida.

Por enquanto, técnicos do Tesouro americano e do FMI, que estão trabalhando em conjunto, acreditam que o ideal seria permitir que cada país devedor obtivesse, no máximo, o equivalente a 40% de sua cota de participação no Fundo Monetário. O Banco Mundial concederia financiamentos para este fim na mesma proporção.

● MÉXICO — Pela primeira vez na sua história, a União Soviética fez um empréstimo ao México, de US\$ 300 mil, canalizado através do banco estatal mexicano Serfin e destinado à aquisição de máquinas da URSS. O prazo de amortização do empréstimo é de dez anos. José Juan de Oloqui, Diretor Geral do Serfin, disse que o crédito "dá substância às excelentes relações entre o México e a União Soviética".